

Tales Faria

Kassio e Mendonça assumem país perto do modelo Pablo Escobar

Os ministros Kassio Nunes Marques e André Mendonça assumem na quarta-feira, 13, o comando do Tribunal Superior Eleitoral (TSE). Kassio, como presidente e Mendonça, como vice. Indicados ao Supremo Tribunal Federal (STF) pelo ex-presidente Jair Bolsonaro (PL), podem mudar a Corte controlada por antibolsonaristas.

O principal tema desse início de gestão será o teste das urnas eletrônicas, tão criticadas pelos bolsonaristas e que serviram de motivo da tentativa de golpe de estado em 8 de janeiro de 2023.

Outra questão importante na semana é que, na quarta-feira, sai nova pesquisa presidencial Genial-Quaest. Bastou uma semana e o jogo parece ter virado na política brasileira em relação à semana anterior. Vale ver se a pesquisa confirma essa expectativa.

Duplamente derrotado com a derrubada, no Senado, da indicação ao Supremo Tribunal Federal (STF) do advogado-geral da União, Jorge Mendonça, e pela derrota do veto ao projeto de dosimetria, na Câmara, o presidente Luiz Inácio Lula da Silva (PT) renasce das cinzas após o bem-sucedido encontro com o presidente dos EUA, Donald Trump, na semana passada.

Lula também se beneficiou da operação em que o ministro André Mendonça vingou o advogado-geral da União, Jorge Messias, revelando que por trás da derrota do indicado, no Senado, e do projeto, na Câmara, de nova dosimetria para os condenados pela tentativa de golpe de janeiro de 2023, havia um acordo para abafar o escândalo do Banco Master. Isso desagradou aos bolsonaristas, que

apadrinharam Mendonça.

O problema é que ficou claro que o Banco Master, que tinha ligações com o crime organizado, conseguiu se infiltrar em todas as instâncias do poder em Brasília. Tinha braços na política, especialmente no comando dos dois principais partidos (PP e União Brasil) que dominam o maior conglomerado do Congresso, o centrão, mas não só nesses partidos. Ramificava-se pelo PL e pelo PT, pelo MDB, Republicanos, enfim, quase todos.

Também estava infiltrado no governo federal, não só via integrantes do centrão na Esplanada, mas através do PT da Bahia (ex-ministro da Fazenda Guido Mantega, encontro com Lula, etc.).

Além, disso, Daniel Vorcaro, dono do banco, tinha relações com sabe-se lá quantos ministros do STF. Dois são certos: Dias Toffoli e Alexandre de Moraes. Mas há desconfianças sobre outros, podendo chegar a cinco ministros. Quase a maioria dos 11 integrantes da Corte suprema do país.

Mais. Além da penetração nos três poderes da República, o Master também se infiltrou no chamado Quarto Poder. Vinha aumentando seu esquema na mídia, não só pela forte influência nos chamados blogs sujos, como também os blogs não tão sujos assim e alguns jornalistas da grande imprensa. Também promovia eventos intelectuais-comerciais com grandes veículos.

Ainda há suspeitas do envolvimento do banco com o PCC. O que significa que a política brasileira resvalou no modelo colombiano de tomada dos altos escalões pelo crime organizado. Pablo Escobar poderia ter ressuscitado por aqui.

Fernando Molica

O robusto Nei Lopes e a MPB

Em “O ‘robusto’ menino de Irajá” (editoras Mórula e Expressão Popular), sua recém-lançada autobiografia, Nei Lopes cita reportagem da Folha de S.Paulo sobre o CD “De letra e música” (2004) — nela, o compositor afirma que tivera, com o disco, a intenção de “romper essa linha arbitrária entre o que seja samba e o que seja MPB”. Ele dividiu a interpretação das suas canções com Chico Buarque, Alcione, João Bosco, MPB4, D. Ivone Lara, Martinho da Vila e outros nomes estrelados.

A declaração-manifesto ressaltou uma questão fundamental de nossa cultura, a não inclusão do samba, nosso mais importante e abrangente gênero, no conceito de MPB. Este, identificado com uma produção oriunda, principalmente, de uma classe média universitária e quase sempre branca.

Desde então, a marca passou a ser carimbada em várias vertentes de nossa produção musical, caracteriza artistas como os cariocas Chico Buarque e Tom Jobim, os mineiros Milton Nascimento (nascido no Rio) e João Bosco, os baianos Caetano Veloso e Gilberto Gil, os cearenses Belchior e Fagner, a gaúcha Elis Regina, o pernambucano Alceu Valença.

Muitos deles beberam na fonte do ritmo que mais nos traduz, mas não são classificados de sambistas, designação reservada para, quase sempre, negros oriundos de favelas ou subúrbios cariocas ou do Recôncavo Baiano.

Um processo que excluiu da sigla MPB artistas como Beth Carvalho, Clara Nunes, Alcione, Zeca, Paulinho da Viola, Nei Lopes - fora os mais velhos,

Cartola, Nelson Cavaquinho, Zé Ketí e Monarco.

Todos são quase sempre citados como sambistas, uma designação legítima e mais do que honrosa, mas limitadora. É impossível não associar esta delimitação como uma forma de discriminação, de desenho de outra linha divisória em uma sociedade racista. O processo é tão curioso que não foi criada, para o pessoal da MPB, uma definição como “mpbista”. Eles, no consenso geral, produzem música popular brasileira, e ponto.

O caso dos sambistas é diferente do que ocorre com grandes nomes do jazz. Sim, eles são jazzistas, mas também classificados como grandes nomes do mainstream da produção musical norte-americana. No jazz, o adjetivo que primeiro define seus artistas amplia sua atuação. Nas antigas lojas de discos, os dedicados ao gênero ficavam ao lado dos que apresentavam música de concerto.

A conceituação que restringe os sambistas não é suficiente, porém, para negar o óbvio, muitos dos nossos grandes compositores são sambistas; a obra de Nei Lopes — em especial, a composta com Wilson Moreira — está no mesmo patamar de brilhantismo do primeiro escalão da música brasileira (com ou sem o adjetivo “popular”: Cartola, Chico, Caetano, Gil, Tom, Villa-Lobos e Pixinguinha, entre outros, jogam no mesmo time).

Compositor, romancista, ilustrador, pesquisador, Nei, na ótima definição de Muniz Sodré, é um polímata, “alguém que, numa encruzilhada diante de várias placas de conhecimento, não segue apenas o caminho indicado por uma delas, mas por várias”. Um artista de obra pra lá de robusta, sem aspas.

EDITORIAL

Uma paz longe em razão das propostas

As recentes propostas de paz apresentadas por Estados Unidos e Irã revelam que, apesar do discurso diplomático em favor do diálogo, ainda existe uma enorme distância entre a intenção declarada de encerrar a guerra e a disposição real de construir um cessar-fogo duradouro. O conflito, que já provoca graves consequências humanitárias, econômicas e políticas, segue alimentado pela desconfiança mútua e pela incapacidade de ambos os governos de ceder em pontos considerados estratégicos.

Os Estados Unidos defendem um acordo baseado na interrupção imediata das hostilidades, acompanhado de fiscalização internacional e de garantias de segurança para seus aliados na região. Washington afirma que qualquer trégua precisa impedir novos avanços militares iranianos e reduzir riscos de instabilidade no Oriente Médio. Ao mesmo tempo, o governo americano enfrenta forte pressão interna de setores políticos e militares que rejeitam concessões ao regime iraniano e defendem uma postura mais rígida diante de Teerã.

O Irã, por sua vez, condiciona qualquer cessar-fogo ao fim das sanções econômicas e ao reconhecimento de sua autonomia política e militar. Para os líderes iranianos, aceitar uma trégua sem contrapartidas significaria admitir fragilidade diante da pressão ocidental. Além disso, o governo de Teerã também convive com divisões internas e com a influência

de grupos radicais que enxergam a continuidade do conflito como símbolo de resistência nacional.

Essa falta de consenso demonstra que a guerra deixou de ser apenas uma disputa militar e passou a representar uma batalha política e ideológica travada dentro dos próprios governos. Em vez de buscar pontos comuns capazes de interromper a violência, as duas partes parecem mais preocupadas em preservar posições estratégicas e evitar desgastes perante suas opiniões públicas.

Enquanto isso, os efeitos do conflito se multiplicam. Civis seguem sendo as principais vítimas de ataques, deslocamentos forçados e da destruição da infraestrutura básica. A economia global também sofre impactos diretos, sobretudo com a instabilidade no mercado internacional de energia e o aumento das tensões diplomáticas em diferentes regiões do mundo. Quanto mais longa a guerra, maiores são os riscos de expansão do conflito e de envolvimento de outros países.

A retórica adotada por Washington e Teerã tampouco contribui para a construção de confiança. Discursos nacionalistas, ameaças públicas e demonstrações de força militar reduzem o espaço para negociações equilibradas. Em muitos momentos, as propostas de paz parecem servir mais como instrumento de propaganda política do que como iniciativas concretas para interromper os combates. O cessar-fogo precisa ser tratado como prioridade humanitária e política, ainda que temporário ou parcial.

Opinião do leitor

Dia das Mães

Flor que irradia o jardim e nasce para nos alegrar. O brilho no olhar exala o sorriso no altar. Das manhãs frias às ensolaradas, o sol e a lua iluminam com o seu frescor. Um Feliz Dia das Mães para todas as mães!

Nicolau Almeida Ferreira
Rio de Janeiro - Rio de Janeiro

Correio da Manhã

Fundado em 15 de junho de 1901

Edmundo Bittencourt (1901-1929) • Paulo Bittencourt (1929-1963) • Niomar Moniz Sodré Bittencourt (1963-1969)

Patrick Bertholdo (Diretor Geral) | Cláudio Magnavita (Diretor de Redação)
patrickbertholdo@correiodamanha.net.br | redacao@correiodamanha.com.br

Redação: Gabriela Gallo, Ivo Ribeiro, Marcelo Perillier, Pedro Sobreiro, Rudolfo Lago (editor), William França e Rafael Lima
Serviço noticioso: Folhapress e Agência Brasil
Projeto Gráfico e Arte: José Adilson Nunes (Coordenação), Thiago Ladeira e Anderson Sá

Telefones: (21) 2042 2955 | (11) 3042 2009 | (61) 4042-7872

Whatsapp: (21) 97948-0452

Rio de Janeiro: Av. João Cabral de Mello Neto 850 Bloco 2 Conj. 520
Rio de Janeiro - RJ CEP 22775-057

Brasília: ST SIBSQuadra 2 conjunto B Lt 10 - Núcleo Bandeirantes
Brasília - DF CEP 71736-20

São Paulo:
Campinas:

www.correiodamanha.com.br

Os artigos publicados são de exclusiva responsabilidade dos autores e não necessariamente refletem a opinião da direção do jornal.